

VIOLÊNCIA (TRANS)VERSAL: GÊNERO, MONSTRUOSIDADE E PODER EM *MANHUNT* DE GRETCHEN FELKER-MARTIN

EDUARDO RAMSON SANES¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – eduardosramson@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

De acordo com CLAYES (2017), o termo distopia começou a se estabelecer como um gênero literário a partir do século XVIII. O autor explica que ao longo de sua história, o gênero distópico tem funcionado como uma ferramenta para realizar críticas sociais e políticas, denunciando os excessos do capitalismo, totalitarismo e outras formas de opressão. Mantendo-se fiel à sua essência, as distopias sempre acompanharam a evolução do mundo, da sociedade e de seus problemas. Apesar de seu tom geralmente pessimista, a literatura distópica também provoca os leitores a refletir sobre as consequências de suas ações e pensar em formas de construir um futuro melhor.

O presente trabalho refere-se à pesquisa no campo da literatura acerca do livro *Manhunt* (2022), de Gretchen Felker-Martin. Em seu romance de estreia, a autora cria um universo distópico singular, que dialoga diretamente com temas frequentemente discutidos na sociedade contemporânea. Na história, o mundo se tornou um cenário pós-apocalíptico após a eclosão do vírus *T-Rex*, o qual transforma pessoas com altos níveis de testosterona em feras assassinas. Em um primeiro momento, a narrativa é conduzida pelas personagens Beth e Fran, duas mulheres transgênero lutando por sobrevivência. No entanto, sua batalha não é apenas contra as novas criaturas que um dia foram os homens, mas também contra a possibilidade de se tornarem uma delas, e principalmente contra as sanguinárias *TERFs* (*Trans-Exclusionary Radical Feminists*), feministas radicais trans-excludentes.

Manhunt explora uma ampla gama de emoções, mas se expressa predominantemente por meio da violência. Apontado por veículos de comunicação como uma nova adição à lista de melhores livros de terror de todos os tempos, é justo dizer que este não é um romance indicado para leitores sensíveis. A violência é extrema, o ambiente é grotesco, os personagens são deturpados e as relações são conturbadas. Tudo acerca de *Manhunt* é complexo. Afinal, dada a história a qual Felker-Martin se propõe a contar, como poderia ser diferente?

Tomando as diferentes formas de violência presentes no romance como objeto de discussão, esta pesquisa se desenvolve, em princípio, com base nos textos de CLAYES (2017), TURNER (2008), BUTLER (2018), STONE (2014) e LISOWSKI (2022).

2. METODOLOGIA

No livro *The Body & Society* (2008), o autor Bryan S. Turner discorre acerca das relações entre corpo, sociedade e cultura. Ao longo de sua discussão, ele aponta que a ordem corporal é um aspecto fundamental do controle social. Além

disso, o autor também explica que o corpo tem se tornado um campo cada vez mais sujeito à intervenção política, com os governos assumindo um papel crescente na regulamentação e gestão de práticas corporais. TURNER (2008) sugere que a compreensão desses processos é essencial para entender as maneiras pelas quais a sociedade moderna busca exercer controle sobre indivíduos e populações.

Pensando que vivemos em uma sociedade patriarcal, e unindo esse fato às questões trazidas por TURNER (2008), é possível conceber a existência de uma hierarquia social de corpos, desenvolvida por aqueles que estão no topo e se recusam a abrir mão desse poder. Homens brancos, heterossexuais e cisgêneros criaram as convenções sociais que marginalizam corpos que se diferenciam dos seus. São eles que fazem as leis, oficiais ou metafóricas, que viabilizam a desmoralização de corpos os quais eles mesmos tornaram indignos. A violência se estabelece desde o primeiro momento, em forma de segregação, e afeta de maneira mais intensa aqueles posicionados nas camadas mais baixas dessa hierarquia, onde geralmente se encontram os corpos transsexuais.

Em “The Girl, the Well, the Ring” (2022), Zefyr Lisowski destaca a ideia de que todos os tipos de monstruosidade estão inadvertidamente interligados. Segundo a autora, o corpo de quem sofre por ser diferente torna-se um recipiente de violência, posteriormente podendo performar como agente dessa mesma violência, gerando assim um efeito cíclico. Ao discutir as ideias de Monique Wittig, BUTLER (2018) explica que a autora defendia uma apropriação por parte das mulheres da violência tida como inerente aos homens. No entanto, tal movimento não funcionaria como uma inversão de papéis ou internalização das normas masculinas, a violência teria “como alvo a identidade e a coerência da categoria sexual, um construto sem vida, um construto feito para mortificar o corpo.” (BUTLER, 2018, p. 170).

Dessa forma, percebe-se que a violência é capaz de se manifestar das mais variadas formas, da subjetividade ao literal, e que, principalmente, ela pode ser acompanhada por uma série de motivações. O que se sabe é que ela sempre apresentará uma causa, um objetivo, seja ele bom ou mau, plausível ou inaceitável. STONE (2014), por exemplo, aponta a violência como a potencial ferramenta de uma força reconstrutiva, um meio de denunciar injustiças e subverter regras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao escrever *Manhunt*, Gretchen Felker-Martin utiliza-se da ficção distópica como um canal para expor e ampliar questões que muitos talvez não percebessem no mundo real, mas que sempre estiveram presentes. As ferramentas do gênero terror não funcionam apenas a serviço do gênero em si, também desempenham um importante papel como meio de expressão. Estar preso em um mundo que não quer a sua presença, mas estar disposto a explorá-lo para seus próprios fins, é uma parte essencial da vida de pessoas trans. Estar a mercê da vontade das pessoas cis de preservar sua existência, independentemente do quanto se luta, é também um cenário próximo da realidade. A transfobia, um dos pilares principais da história, é algo que pode ser facilmente ignorado por quem não é diretamente afetado por ela, tornando fácil também sua perpetuação.

A violência vem de todos os lados em *Manhunt*, inclusive da comunidade trans, que historicamente está habituada a ser a vítima. Já nos primeiros capítulos, fica claro que Beth e Fran, além de representarem presas para os homens, também atuam como predadoras. Cada homem abatido pelas protagonistas é castrado e tem seus testículos recolhidos, servindo mais tarde como alimento para elas. No entanto, a brutalidade performada por Beth e Fran não é apenas uma inversão de papéis dentro de uma piada mórbida feita pela autora. As protagonistas consomem os testículos dos homens para garantir o controle dos níveis de estrogênio em seu corpo, evitando que elas mesmas se transformem em monstros. Assim, a violência exercida por elas não representa um revide, pelo contrário, é apenas mais uma adaptação das suas garantias de sobrevivência em um mundo em ruínas.

Uma das críticas apontadas por leitores que não aprovaram o romance é a de que sua premissa se sustenta na aniquilação de mulheres cis. Todavia, é preciso lembrar mais uma vez que as personagens estão lutando para sobreviver. Essa violência não glorifica agressões contra mulheres cis, principalmente porque ela afeta a todos, inclusive pessoas trans. Na própria representação das TERFs, a autora vai além do esperado, conferindo a essas personagens uma dimensão mais humana do que seria necessário. O livro desafia certas convenções feministas ao retratar um mundo pós-apocalíptico não como uma utopia feminina, mas com mulheres exercendo poder de forma opressora e reproduzindo hierarquias violentas. Embora isso possa ser visto como controverso, é ao mesmo tempo intrigante e humano.

4. CONCLUSÕES

Por ser um livro lançado em 2022, os estudos e pesquisas sobre *Manhunt* ainda são escassos ou praticamente inexistentes. Mesmo chamando atenção após seu lançamento nos Estados Unidos e causando inquietação entre os leitores, o romance ainda não foi traduzido e publicado no Brasil.

Apesar do aumento gradual da representatividade *queer*, mesmo dentro da própria comunidade LGBTQ+ ainda há uma hierarquia de representação, onde vozes trans são sempre as últimas a serem ouvidas. *Manhunt* é uma distopia protagonizada por personagens transgênero, com uma história centrada em suas vivências e com base firme na realidade, escrita por uma mulher trans, a qual ecoa em sua voz e em seu texto o anseio de milhares. Em entrevista ao jornal francês *Révolution Permanente*, ao ser questionada sobre o caráter metafórico de seu livro, a autora respondeu: “É um livro sobre pessoas e todo livro sobre pessoas deve ser pesquisado.” (FELKER-MARTIN, 2022, tradução nossa)¹.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CLAEYS, G. **Dystopia: A Natural History**. New York: Oxford University Press, 2017.

¹ No original: “C’est un livre qui parle de personnes et chaque livre qui parle de personnes se doit d’être fouillis”.

CHRIST. **The Future Is Bloody: On Gretchen Felker-Martin's "Manhunt"**. 2022. Disponível em: <<https://lareviewofbooks.org/article/the-future-is-bloody-on-gretchen-felkermartins-manhunt/>>. Acesso em: 24 de setembro de 2024.

FELKER-MARTIN, G. Apocalypse et résistance trans. [Entrevista concedida a] Julian Vile. **Révolution Permanente**. França, 19 nov. 2022. Disponível em: <<https://www.revolutionpermanente.fr/Apocalypse-et-resistance-trans>>. Acesso em: 25 de setembro de 2024.

_____. **Manhunt**. New York: TorNightfire Books, 2022.

LISOWSKI, Z. The girl, the Well, the Ring. In: VALLESE, J (Ed.). **It Came from the Closet: Queer Reflections on Horror**. New York: Feminist Press, 2022. p. 50-59.

STONE, S. **The Empire Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto**. Advanced Communication Technologies Laboratory (ACTLab), 2014. Disponível em: <<https://sandystone.com/empire-strikes-back.pdf>>. Acesso em: 24 de setembro de 2024.